RUTZ, T.B. Educação inclusiva e ensino de arte, percalços entre teoria e prática. 2010. 27 f.

SILVEIRA, N. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 2001.

TOMMASI, S.B.(org.). Arteterapeuta: um cuidador da psique. 1ªed. São Paulo, 2011.

URRUTIGARAY, M.C. Arteterapia e transformação pessoal pelas imagens. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

VASQUES, M.C.P.C.F. A Arteterapia como instrumento de promoção humana de saúde mental. Pós graduação. Universidade estadual Paulista. Batucatu, São Paulo. 2009

A CULTURA NEGRA NA ESCOLA: DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

MARGARETH LEÃO BRASIL SOUZA

RESUMO

Nesse artigo iremos interpelar a identidade de alunos negros no processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar. Enfatizaremos sobre a história do racismo no Brasil, que se inicia no século XVIII e, ainda na atualidade (século XXI), percebemos o racismo vigente na sociedade brasileira, seja de forma explicita e/ou implícita, destacaremos de forma ampla o racismo no parâmetro escolar, seja esse contido em livros didáticos, no currículo escolar etc. O desenvolvimento deste trabalho tem como objetivo central compreender a importância das relações étnicas raciais a serem trabalhadas/desenvolvidas nas escolas, iremos enfatizar a identidade da criança negra no processo de ensino aprendizagem bem como, na construção de cidadania. Acreditamos que esse processo possa interferir de forma positiva na construção do indivíduo, pois ninguém nasce odiando ninguém, dessa forma, novamente acreditamos e somos esperançosas que a educação pode eliminar o preconceito presente na sociedade, devido à interação heterogênea que temos dentro das escolas brasileiras, confiamos que as docentes ali presente tem todo o direito e dever de intervir quando houver alguma situação contra a identidade da criança negra, ou melhor, essa profissional deve trabalhar no seu cotidiano as diferenças sejam elas quais forem.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo. Preconceito. Discriminação. Identidade. Criança.

ABSTRACT

In this article, we will question the identity of black students in the process teaching learning. We will focus on the racism of history in Brazil, beginning in the eighteenth century and still today (XXI century), we find the current racism in Brazilian society, either explicitly and / or implicitly highlight broadly racism in parameter school textbooks, school curricula, etc. The development of this work has the central objective to understand the importance of racial ethnic relations to be worked/ developed in schools; we will emphasize the identity of the black child in the process of teaching learning as well as in the construction of citizenship. We believe that this process can interfere positively in the individual construction, because no one is born hating no one, therefore, again believe and are hopeful that education can eliminate this bias in society, due to the heterogeneous interaction that we have within the Brazilian schools, we trust that the teachers present there has every right and duty to intervene when there is a situation against the identity of the black child, or rather, this professional should work on his daily routine all the differences.

KEYWORDS: Racism. Preconception. Discrimination. Identity. Child.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o racismo, ainda na atualidade, se faz evidente na sociedade brasileira, portanto surge a necessidade de entender qual a raiz/fundamento desse ato preconceituoso em nossa sociedade. E para isso escolhemos o tema Discriminação Racial no Processo de Ensino Aprendizagem, apresentamos como problema da temática proposta, o desacreditamento do potencial e/ou inferiorização dos alunos negros (por parte da escola, mas também do próprio discente), no contexto escolar/social, gerando a essas crianças - referimos como criança por envolver alunos da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental -, em alguns casos o fracasso escolar e para que não gere esse resultado indesejado 9ou não), a equipe pedagógica deve estar devidamente qualificada e preparada para intervir nesses casos. Sendo assim, nossa problematização norteadora é como a escola trabalha para amenizar/acabar com a questão racial em seu cotidiano.

Esse artigo tem como objetivo geral compreender a importância de as relações étnico-raciais serem trabalhadas/desenvolvidas nas escolas nas seguintes etapas de ensino, da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental, conjuntamente com os objetivos específicos que são: descrever o que é um preconceito racial e os estereótipos; argumentar a ideia de racismo na escola e a identidade da criança negra no contexto

educacional. Portanto, a escrita ocorrerá na perspectiva da abordagem do racismo no contexto escolar do discente, bem como, em seu contexto social, envolvendo deste modo os dois principais ambientes da vida desse estudante.

Para elaborar o presente trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com análise qualitativa de livros didáticos da disciplina de História do 2º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Cariacica. Utilizamos as produções teóricas de autores como Cavaleiro (2000) e Munanga (1994), com base nos quais organizamos o desenvolvimento desta pesquisa, sendo assim, nosso artigo foi estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, abordamos o racismo no Brasil; no segundo capítulo, o racismo no cenário escolar; por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos os livros didáticos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da rede municipal de Cariacica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RACISMOS NO BRASIL

Para iniciarmos a temática proposta, é necessário conhecer/compreender a definição dos termos “racismo”, “preconceito” e “discriminação racial”. Segundo Gomes (2005, p.52): “O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.□□. Sendo o primeiro segmento do racismo, o preconceito racial, que conforme Jesus (2006, p.69): “O preconceito é um julgamento negativo, que muitas das vezes, é feito com antecipação, às pessoas tidas como diferentes e/ou de grupos raciais diferentes□□. O segundo segmento do racismo é a discriminação racial que pode ser compreendida como o racismo em destreza em conjunto com o preconceito que teoriza e a discriminação se concretiza.

Agora com os conceitos já estabelecidos, podemos proferir sobre a história do racismo no Brasil. A utilização da palavra racismo iniciou-se no século XVII, e assim como na atualidade, era empregue para apontar as diferenças físicas na população daquela época. Em contrapartida, no século XVIII a distinção racial era voltada para a cor da pele, agrupando em etnias branca, negra e amarela. No século seguinte, a questão de distinção racial foi direcionada para o parâmetro morfológico e obteve ainda mais expressividade com a reinterpretação da teoria darwinista , isto é, estabelecendo uma hierarquia que exaltava que a etnia branca tinha maior domínio do desenvolvimento físico e mental com isso, colocando as demais etnias presentes como inferiores. Percebemos que a questão da discriminação racial está enraizada na cultura/sociedade brasileira e quem nos afirma esse pensamento de Silva:

O preconceito está presente na humanidade desde o início da mais remota história, rotulando raça, gênero e classe social, aos quais durante todo processo de desenvolvimento da vida humana vão sendo incorporadas ideias, valores, sentimentos e maneiras de pensar que nem sempre são aceitos por todos. (SILVA, 2015, p.1)

Portanto, é evidente que a população brasileira é miscigenada, porém na hierarquia social os negros continuam como base, pois os próprios habitantes não consideram as diferenças (físicas, comportamental, social, etc.), como diversidade cultural e étnica, como algo positivo e que posa incrementar para a sociedade brasileira, dessa forma, constitui-se um impedimento de diálogo de conhecimento de maneiras de vidas e aceitação do outro, e tal atitude acontece por nós seres humanos não aceitarmos as qualidades e diferenças do nosso oposto, denominando assim, o preconceito.

Ultimando tudo que já foi abordado acima, é evidente que os afrodescendentes têm uma presença demográfica significativa no Brasil, porém mesmo diante desse fato é implícita a dificuldade de construir a identidade negra em uma sociedade que vive o mito da democracia racial, ou seja, uma população que desde o princípio ensina seus habitantes a se afugentar de sua ascendência para serem aceitos no coletivo, contudo, não podemos intitular tal sociedade com esses aspectos de uma sociedade democrática racial.

Estamos em um país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia. (MUNANGA,1996, p. 220-221)

Contudo, a concepção de identidade não pode ser baseado-compreendida a partir de uma única definição, pois identidade está interligada com vários fatores da vida do ser humano, e como já proferida acima, o Brasil é um pais de culturas miscigenadas, portanto definir identidade nesse contexto é irreal/inexecutável. Para Gomes:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referencias civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p.41)

Acrescentamos ainda na concepção de identidade, o pensamento de Munanga:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir- se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p.177-178)

A identidade do indivíduo é única e intrasferível, mesmo pertencendo a um determinado grupo social, dessa forma, a identidade deve ser dialética entre o meio social, visto que o ser humano tem a primordialidade da resposta da inserção da sociedade e para isso é necessário compreender que identidade está interacionada com as diferenças, isto é, a sociedade deve reconhecer essa disparidade como aspectos que contribuam ainda mais para a cultura mística do Brasil.

O ser humano idealiza a sua identidade por intermédio do contexto social que está inserido buscando a aceitação da sociedade, e para obter essa aquiescência deve seguir os estereótipos impostos pela sociedade, neste sentido estamos nos referindo à sociedade embranquecida, dessa forma os negros absorve o máximo possível dos costumes da população branca, para tentar ter a tal aceitação social, ocasionado em alguns casos, a negação da sua própria identidade negra.

O ideal (de branqueamento) inculcado através de mecanismo psicológico ficou intacto no inconsciente brasileiro, rodando sempre na cabeça dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca baseada na „negritude□□, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por a julgarem superior. (MUNANGA, 2004, p.16).

Portanto, identidade não obedece a um modelo fixo imposto pelas „□autoridades□□ e sim a um processo de construção social no qual o indivíduo estar inserido. O não reconhecimento ou reconhecimento inadequado do „□outro□□ pode causar prejuízo ou uma deformação ao aprisionar alguém num modo de ser falso e reduzido (TAYLOR, 1998, p.57), com isso, percebemos que os próprios negros criam conflitos com a sua própria personalidade/identidade. E isso ocorre, pois, uma pessoa que se classifica negra em um determinado contexto não se identifica como negra em outro, essa atitude é reflexo de nossas gerações passadas que criaram uma imagem depreciativa dos negros e os mesmos não tiveram incitamento/estimulo para resistir a esse auto avaliação, e hoje é um dos fatores mais perdurável da sua própria opressão. SANSONE argumenta:

[...] A identidade negra, como todas as etnicidades, é relacional e contingente. Branco e negro existem, em larga medida, em relação um aos outros; as „□diferenças□□ entre negros e brancos variam conforme o contexto e precisam ser definidas em relação a sistemas nacionais específicos e a hierarquias globais de poder, que foram legitimados em termos raciais e que legitimam os termos raciais. (SANSONE,2003, p. 24).

2.2 RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação básica empraza a abertura da experiência escolar do aluno, proporcionando a esse discente a convivência em grupo social mais farto e em um espaço com características diferenciadas do contexto familiar. Essa fase é o cenário ideal para o desenvolvimento intelectual, social e psicológico dessa criança. Na interação o corpo ganha realçamento diante os movimentos, gestos e posturas. Sendo assim, na primeira etapa da educação básica, a criança convive grande parte do tempo com outra criança e nessa convivência o protagonismo desse aluno auferiu ênfase de potencialidade do convívio e suas variadas formas de relações sociais.

A educação, nos dias atuais, é a única ferramenta que pode trazer resultados satisfatórios para a espécie humana, proferimos nesse sentido o racismo, e para que de fato esses resultados apareçam, a educação estima com a democracia/cidadania para suprir a ausência do apreço das etnias diferentes. A educação é essencial para a formação do indivíduo, porém essa educação deve ser singular e atingir todas as pessoas para torná-las membros sociais no parâmetro nacional e internacional. Contudo, para articular políticas inclusivas seja em espaços escolares ou não, é fundamental resgatar a temática da igualdade e em decorrência o da diferença. Em razão disso a escola e família devem ser aliadas nesse processo para retratar a possibilidade da transformação do pensamento da democracia racial implantada na sociedade. Segundo Silva (2015);

Outra forma contraditória para os profissionais da educação é atribuir o sucesso escolar à ação pedagógica, e quando abordado o „□fracasso escolar□□ tornar isentas a escola e a sala de aula, atribuindo a outras instâncias, como as crianças e as famílias. Algumas hipóteses a questão disciplinar/indisciplinar são: Isolar a indisciplina como um problema individual do aluno; não considerar que este ato revela algo sobre as relações institucionais escolares do dia a dia; E o ato de apontar razões para indisciplina, mas não demonstram caminhos para uma possível solução ou administração. (SILVA, 2015, p.2).

A instituição, o corpo pedagógico e

o docente não devem pressupor seu aluno apenas pelo seu fracasso escolar e/ou indisciplina, essa equipe precisa verificar de forma geral, o contexto social de seu aluno e incluir na prática pedagógica que está sendo aplicada naquela escola. Para Freire (1996) é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Contudo, como mencionado mais acima, se a história da educação brasileira é um estigma da exclusão se torna ainda mais complexo ao se falar de discriminação já que a mesma acaba compondo a „"cultura brasileira. Sendo assim, o agressor folgazar com a identidade racial do agredido, em rotineiro o agredido não expõe naquele determinado momento sua insatisfação com tal atitude e/ou insatisfação pelo fato de ser negro, porém com o suceder dos tempos, o agredido sob influência da sociedade „manipuladora acaba se menosprezando/inferiorizando, justamente pelas „brincadeiras sem maldade em relação a sua etnia. Outra forma de discriminação além dos apelidos e brincadeiras insultuosa, e o repostasse a estética, isto é, o decremento do cabelo que em muitas situações são desígnio de zombaria atingindo principalmente as meninas, estimulando ainda mais a alienação de sua personalidade. Para Sheriff (2001, p, 227) a dimensão descritiva do discurso relativo à "cor" da pessoa, apesar deter associações raciais, traduz mais uma descrição provisória de aparência.

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio. (ABRAMOWICZ,2006, p.68).

Abramowich (2006, p. 68) fala que o silêncio por parte dos professores é motivado por vários fatores: falta de formação para tratar a questão racial, desconhecimento da história e da cultura africana ou criança de que não existe racismo. Percebemos claramente essa situação, no caderno de pesquisa realizado por Batista (2008, p.7); fala de uma professora: ".... Ah! Tinha uma aluna, o ano passado que sofria muito, ela era moreninha coitada, e as crianças a chamavam de negra". O fato de o docente reconhecer que ao chamar a menina de negra era um xingamento, revela a incapacidade do mesmo de lidar com as ralações raciais (MUNANGA, 2004). Dessa forma, os apelidos como „moreninha e „branquinha não seriam tão problemáticos se não vigorasse, no país, uma hierarquia étnica.

(CAVALEIRO, 2000).

2.3 LIVRO DIDÁTICO

A utilização de livros didáticos no processo de ensino aprendizagem deve ser ministrada minuciosamente, isto é, a grande maioria dos livros didáticos retrata a dificuldade e sofrimento da etnia negra, o que deveria ser fundamento de orgulho satisfação/valorização, portanto compete o professor desenvolver/despertar em seus alunos a respeitarem as diferenças.

Portanto, surge a importância de incluir nos espaços escolares a história do afrodescendente e centralizar os pontos positivos dessa etnia e induzir e/ou instigar no aluno a compreensão de todo o antepassado dos negros e sensibilizar o mesmo para o respeito mútuo com as diferenças. Dessa forma, realizamos uma análise nos livros de História do primeiro ciclo do ensino fundamental da rede Municipal de Cariacica, exceto no livro didático do primeiro ano devido à ausência do mesmo na classe citada.

O livro didático de História do segundo ano do ensino fundamental é composto por oitenta páginas e subdivido por quatro unidades, sendo elas: Brinquedos e brincadeiras; Direitos e deveres das crianças; Pelas ruas da cidade; O Brasil de muitas histórias. Nesse material a diversidade racial está presente em todas as ilustrações (demostrado no anexo A à G), o que de fato nos surpreendeu muito devido os relatos citados no decorrer do presente artigo.

No material didático do terceiro ano, encontramos na capa duas crianças sendo uma negra e uma branca, praticando o mesmo ato de leitura (anexo H). Composto por cento e quarenta e três pagina subdividido em oito unidades, sendo: O lugar onde eu moro; Vivendo nas cidades; A formação das cidades; Ligando pessoas e lugares; O universo da comunicação; O trabalho; Cotidiano Indígena; Trabalho e diversão. Na unidade um, na página 12 (anexo I) nos deparamos com uma breve história das moradias do Brasil após os anos 1500, o interessante é uma habitação de negros de material Taipa e logo abaixo caracterizando tal moradia de baixo custo, ou seja, era o que os negros mereciam. Já nas unidades dois, três e quatro as ilustrações são referentes às placas, paisagens, mapas, etc., na unidade cinco nos chama atenção a ausência do negro nas quatros primeiras imagens da unidade (Anexo J e K). Na unidade seis, uma atividade (anexo L) para identificar a casa grande (casa bela), a senzala (desleixada) e a casa de engenho nos fez refletir o quanto estamos centrados, justamente por todo o enraizamento da cultura, em desmenoprezar os negros. Na unidade sete e oito tem as mesmas características das

unidades dois, três e quatro.

O livro didático do quarto ano é integrado por cento e vinte e sete páginas dividido em quatro unidades, sendo: Pindorama terra das Palmeiras; No tempo dos engenhos; Ouro no sertão; Os caminhos da independência. Na capa do livro inferimos a ausência da criança negra (Anexo M). Na unidade um, as imagens são voltadas para elementos e não „□personagens□□. Enquanto no capitulo dois, na página 38 (Anexo N) o interessante é a reflexão que o recurso didático proporciona aos discentes quanto à temática escravidão. Na página 45 (Anexo O), vale ressaltar a abordagem das escravas que tinham filhos do "senhor". Nas duas últimas unidades notificamos também apenas a presença de ilustrações voltadas para elementos e não „□personagens□□. Finalizando a análise com o livro didático do quinto ano, composto por cento e quarente e três páginas e dividido por 4 unidades, sendo elas: Independência do Brasil; O Brasil Imperial; O Brasil Republicano I; O Brasil Republicano II. Nas duas primeiras imagens (Anexo P e Q) da unidade um, nos chamam a atenção à diversidade contida, porém de forma não inclusiva, isto é, notamos a presença de uma criança negra fora do contexto escolar (não estava uniformizada como os demais) e nessa mesma perspectiva nota-se um aluno cadeirante afastado da roda de conversa dos demais discentes. Em contradição, na mesma unidade páginas posteriores 36 e 37 (Anexo R e S) exibe a imagem do negro de fato com ela deve ser, ou seja, um cidadão assim como qualquer outro. Na unidade dois na página 67 (Anexo T), super cativante a abordagem do estatuto da igualdade racial após o fim da abolição. Na unidade três as imagens são históricas. Na unidade quatro, nas páginas 110 e 111 (Anexo U e V) é nítida a abordagem das diversidades.

Contudo, diante dos resultados das análises dos livros didáticos, concluímos que de fato os livros são recursos metodológicos relevantes ao processo de ensino e aprendizagem, porém cabe ao docente conduzir os conteúdos ali presentes de forma inclusiva e diversificada.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, nos livros didáticos esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chaga a idade adulta com total rejeição à sua origem racial. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências. (CAVALEIRO, 2000, p.122).

Portanto, surge a importância de incluir nos espaços escolares a história do afrodescendente, centralizar os pontos positivos dessa etnia e induzir e/ou instigar o aluno a compreensão de todo o antepassado dos negros e sensibilizar o mesmo para o respeito mútuo com as diferenças, isto é, o livro didático é uma excelente ferramenta, quando utilizado devidamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira contextualiza em um conjunto de regras que sem perceber, inferioriza os negros em todos os sentidos, tornando-se uma atitude mecânica, tal atitude regressa para as crianças sem que o transmissor perceba, isto é, a criança desenvolve um bloqueio sobre a sua capacidade e/ou desenvolvimento devido a sua etnia, pois o contexto que vive de forma implícita/explicita transmite essa negação para ela. Porém, por outro lado, as crianças negras se destacam em jogos de futebol, na dança , ou seja, a sociedade cria apenas essas expectativas para as crianças e as que se esforçam para ir além dessa realidade são consideradas exceções.

Dessa forma, um tentame de conversão surge com a presença da Lei 10.693/03, porém apenas a lei em si, não é o suficiente para garantir o que contempla. Sendo assim, se faz necessário a implementação das diversidades no contexto escolar, sendo esse espaço escolar composto por uma série de materiais pedagógicos que proporciona para os discentes experiências contextualizadas, ou seja, partindo da realidade da comunidade.

Concluímos diante das análises dos livros didáticos que existe a presença de negros na maioria dos livros, alguns (como detalhado acima) de fato de forma aviltante, porém outros dignificante. Sendo assim, compreendemos que o docente deve estar altamente qualificado para desenvolver esse recurso da forma mais vantajosa em sala de aula, considerando os conteúdos previstos nos livros didáticos, porém, contextualizando na realidade e/ou diversidade de sua classe escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. Trabalhando a diferença na Educação Infantil. São Paulo:

Moderna, 2006.

BATISTA, Michelangelo Henrique. Ausência da construção da identidade racial da criança negra no contexto escolar. Mato Grosso. 2008.

BATISTA, Normando. Cultura Negra e Currículo. In: SILVA, Luiz Heron da & AZEVEDO, José Clóvis de (Orgs). Paixão de Aprender. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

BIZZO, Nélio. A Origem das Espécies: Charles Darwin a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. São Paulo, Martin Claret, 1859.

BRASIL, Lei nº. 9.394 de 20 de dezem-